

A eficácia da terapia ABA em pacientes adultos com diagnóstico de autismo

The effectiveness of ABA therapy in an adult patient diagnosed with autism

La eficacia de la terapia ABA en pacientes adultos con diagnóstico de autismo

Recebido: 12/07/2024 | Revisado: 26/07/2024 | Aceitado: 28/07/2024 | Publicado: 31/07/2024

Karla Valéria Paiva de França

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4224-0760>

Faculdade de Ensino Superior do Piauí, Brasil

E-mail: karlavaléria035@gmail.com.

Sirlany Martins de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8734-7485>

Faculdade de Ensino Superior do Piauí, Brasil

E-mail: sirlanymm@outlook.com

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7228-0556>

Faculdade de Ensino Superior do Piauí, Brasil

E-mail: ylomafernandarocha@hotmail.com

Resumo

O diagnóstico do Transtorno Espectro Autista requer investigação extensa para obter o tratamento desde o início. Diante disso, a Análise do Comportamento Aplicada - ABA visa avaliar a habilidade atrasada ou ausente, passando por cada etapa para alcançá-la de forma eficaz. Um dos objetivos da ABA é validar as habilidades que a pessoa com autismo domina e ensinar as habilidades que ainda não domina. O objetivo geral deste estudo foi compreender os benefícios da ABA para o tratamento do adulto com Transtorno Espectro Autista - TEA. A elaboração do presente estudo no que diz respeito ao procedimento, utilizou a pesquisa bibliográfica narrativa, exploratória e de cunho explicativo. Foram utilizados como base trabalhos publicados por proporcionar importantes contribuições para o tema proposto, e materiais entre 2000 até 2023, e as palavras-chaves: TEA, ABA, ABA. Pacientes Adultos. Portanto, observou-se que a aplicação da ABA em adultos requer uma abordagem personalizada e respeitosa que leve em consideração as preferências, necessidades e objetivos individuais do adulto autista. Os resultados deste estudo sugerem que a integração social deste paciente pode ser alcançada através do desenvolvimento de autonomia e maior independência nas atividades diárias, ampliando habilidades funcionais e proporcionando melhor qualidade de vida a todos os envolvidos em sua situação social.

Palavras-chave: TEA; ABA; Pacientes adultos.

Abstract

Diagnosing Autism Spectrum Disorder requires extensive investigation to get treatment right from the start. Given this, Applied Behavior Analysis - ABA aims to evaluate the delayed or absent skill, going through each step to achieve effective form. One of the objectives of ABA is to validate the skills that a person with autism has mastered and teach the skills that they have not yet mastered. The general objective of this study was to understand the benefits of ABA for the treatment of adults with Autism Spectrum Disorder - ASD. The preparation of the present study with regard to the procedure used a narrative, exploratory and explanatory bibliographical research. Materials from 2000 to 2023 were used as published base work to provide important contributions to the proposed topic, and the keywords: ASD, ABA, ABA . Adult Patients. Therefore, we analyze that the application of ABA in adults requires a personalized and respectful approach that takes into account the individual preferences, needs and goals of the autistic adult. The results of this study suggest that this patient's social integration can be achieved through the development of autonomy and greater independence in daily activities, expanding functional skills and better quality of life for everyone involved in their social situation.

Keywords: ASD; ABA; Adult patients.

Resumen

El diagnóstico del Trastorno del Espectro Autista requiere una investigación exhaustiva para recibir tratamiento desde el principio. Ante esto, el Análisis de Comportamiento Aplicado - ABA tiene como objetivo evaluar la habilidad retrasada o ausente, recorriendo cada paso para lograr una forma efectiva. Uno de los objetivos del ABA es validar las habilidades que una persona con autismo ha dominado y enseñar las habilidades que aún no domina. El objetivo general de este estudio fue comprender los beneficios del ABA para el tratamiento de adultos con Trastorno del Espectro Autista - TEA. La elaboración del presente estudio en cuanto al procedimiento utilizó una investigación bibliográfica narrativa,

exploratoria y explicativa. Se utilizaron como trabajo base publicado materiales del año 2000 al 2023 para brindar aportes importantes al tema propuesto, y las palabras clave: TEA, ABA, ABA. Pacientes adultos. Por tanto, analizamos que la aplicación de ABA en adultos requiere un enfoque personalizado y respetuoso que tenga en cuenta las preferencias, necesidades y objetivos individuales del adulto autista. Los resultados de este estudio sugieren que la integración social de este paciente puede lograrse a través del desarrollo de autonomía y mayor independencia en las actividades diarias, ampliando habilidades funcionales y mejor calidad de vida para todos los involucrados en su situación social.

Palabras-clave: TEA; ABA; Pacientes adultos.

1. Introdução

O termo autismo foi cunhado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1908 para descrever a evitação do mundo interior real observada em pacientes esquizofrênicos (Kanner, 1943). Ele usa o termo "autismo infantil precoce" porque os sintomas se manifestam na primeira infância, e observa que essas crianças apresentam flexibilidade e aspectos incomuns de práticas de comunicação, como inversão de pronomes e uso da referida Tendência ao eco (Kanner, 1943).

O diagnóstico de Transtorno Espectro Autista - TEA requer investigação extensa para obter o tratamento certo desde o início (Santos 2015). A ciência da ABA, sigla em português: Análise do Comportamento Aplicada é objetiva e visa avaliar e estudar a habilidade atrasada ou ausente da criança e adultos, passando por cada etapa para alcançá-la de forma eficaz (Locatelli, 2016). Então a Análise do Comportamento Aplicada - ABA busca validar as habilidades que a pessoa com autismo domina e ensinar as habilidades que ainda não domina. No entanto, pesquisas e observações de casos confirmam que as intervenções usando a abordagem ABA são conhecidas hoje e são cientificamente validadas para inclusão ativa na vida de indivíduos com autismo (Santos 2015).

Desde sua primeira publicação em 1968, a ABA cresceu significativamente, principalmente nos Estados Unidos, berço dessa área do conhecimento, onde a ABA avançou continuamente para atingir todos os aspectos que a tornam uma ciência respeitada. Numerosos estudos, avaliações e estratégias de intervenção (por exemplo, projetos de caso único, análise comportamental funcional e estratégias de suporte comportamental positivo) foram desenvolvidas incorporando aspectos comportamentais, técnicos e conceituais que têm sido usados como ferramentas valiosas para melhorar o repertório comportamental social, atividades acadêmicas e da vida diária das pessoas (Sugai et al., 2000).

De acordo com Harris e Delmolino (2002), estudos demonstram que com tratamento imediato e intensivo, usando intervenções relacionadas à ABA, tem um número significativo de crianças que pode alcançar progresso intelectual e participar da educação regular, assim, técnicas de análise do comportamento aplicadas, ABA tem se mostrado ser eficaz em alterar a trajetória de desenvolvimento cognitivo e social de algumas crianças com autismo. Quando o diagnóstico é feito precocemente, as intervenções são realizadas de maneira mais direcionada, enfatizando comportamentos relacionados ao funcionamento social e outras áreas centrais, como a linguagem (Chávez, 2019).

Diante disso, surge o seguinte questionamento: Qual a eficácia da terapia ABA em pacientes adultos com diagnósticos de autismos?

Portanto, o objetivo geral deste estudo foi compreender a eficácia da terapia aba em pacientes adultos com diagnósticos de autismos. Portanto, os objetivos específicos deste estudo foram: Trazer um levantamento histórico e descritivo da Transtorno Espectro Autista - TEA; demonstrar a importância do diagnóstico para pacientes com Transtorno Espectro Autista - TEA; e discutir como é implementada a Análise do Comportamento Aplicada - ABA para pacientes adultos com autismo.

Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade vista pela pesquisadora em compreender a contribuição da ABA para o diagnóstico precoce de pacientes adultos com TEA, e contribuir juntamente com familiares e profissionais de saúde, capacitando-os a compreender e reconhecer precocemente o TEA e buscar atuação estratégica e científica, tornando-se assim, um tratamento eficaz que melhora as habilidades que os pacientes precisam desenvolver.

2. Metodologia

A elaboração do presente estudo no que diz respeito ao procedimento, utilizou a Revisão Narrativa é uma forma não sistematizada de revisar a literatura. É importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período. Também pode ser útil na descrição do estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Como a Revisão Narrativa inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre, sem rigor metodológico e por isso está sujeita aos vieses. Assim, nesse tipo de revisão não há obrigatoriedade de que os autores informem com detalhes os procedimentos ou critérios usados para selecionar e avaliar as referências incluídas na análise, pois a forma de seleção é variável e arbitrária (Pradanov, 2013).

Quanto a abordagem trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois considera-se que existe uma relação entre o mundo e o sujeito além daquela traduzida em números. Para essa abordagem de pesquisa, há subjetividades e nuances que não são quantificáveis por si só. De acordo com Prodanov, Cleber Cristiano (2013, p. 128): “O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados”.

Nessa seara, essa pesquisa é aplicada, segundo Appolinário (2011, p. 146), é realizada com o intuito de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”. Muitas vezes, nessa modalidade de pesquisa, os problemas emergem do contexto profissional e podem ser sugeridos pela instituição para que o pesquisador solucione uma situação-problema.

Para compreender o universo de pesquisa e como investigar um determinado contexto, é importante conhecermos as modalidades de pesquisa científica aplicada, ou seja, que envolve a prática, que é a proposta de nosso curso. Conforme argumenta Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa aplicada tem o objetivo de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois pretendeu compreender a eficácia da terapia aba em pacientes adultos com diagnósticos de autismos, cujo intuito foi fornecer mais informações sobre o tema que será abordado de modo que seja possível o seu melhor entendimento, explanação e orientação, estabelecendo maior familiaridade com a questão central abordada, para fornecer dados básicos que possam contribuir para o desenvolvimento do projeto, com pesquisas aprofundadas sobre o objeto proposto (Gil, 2002).

Foram incluídas pesquisas efetuadas por meio de materiais bibliográficos referentes a temática apresentada em língua portuguesa, utilizando-se de periódicos, dissertações e teses de doutorados encontrados nas plataformas como: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

Desse modo, foram utilizados como base trabalhos publicados por proporcionar importantes contribuições para o tema proposto, e materiais entre 2000 até 2023, e as palavras chaves: Transtorno Espectro Autista – TEA; Análise do Comportamento Aplicada - ABA; Eficiência da Análise do Comportamento Aplicada - ABA; Pacientes Adultos. Tendo como critérios de exclusão os conteúdos que não atenderam aos propósitos da pesquisa como, conteúdos que não abrangeram o tema proposto e palavras chaves que não se enquadrem nas descritas acima.

3. Revisão da Literatura

3.1 Contexto histórico do autismo

Kanner (1943) publicou *Autism in Emotional Contact*, no qual descreveu onze casos de crianças que mostraram "isolamento incomum dos estágios iniciais da vida e um desejo muito forte de preservar o mesmo desejo". Com a publicação da primeira edição do DSM-1 (1952), a American Psychiatric Association (APA) forneceu a terminologia e seus critérios padrão para fazer seus próprios diagnósticos dos transtornos mentais ali estabelecidos. Nesta edição, muitos dos sintomas do autismo foram agrupados em um subgrupo de esquizofrenia infantil conhecida, em vez de serem entendidos como uma forma específica

e uma forma separada (DSM-S, 1952)

Na década de 1950, havia confusão sobre as características do autismo, argumentando-se que o transtorno era desencadeado por pais emocionalmente distantes, a "mãe geladeira" cunhada por Bruno Bethain. No entanto, por volta da década de 1960, surgiram evidências de que o autismo era um transtorno mental presente desde a infância. Leo Kanner tentou se contradizer, e a teoria mais tarde se mostrou infundada (Kanner, 1943).

No entanto, em 1956, sem etiologia clínica e laboratorial disponível, Kanner passou a descrever a condição como "psicótica", referindo-se à inadequação de todos os testes clínicos e laboratoriais para fornecer dados consistentes sobre sua etiologia. No entanto, ele notou que os casos de autismo diferiam dos casos de esquizofrenia. Nesse sentido, Kanner passou a utilizar o termo autismo na primeira infância (Assumpção Jr. & Pimentel, 2000) ao referir-se à condição, descrevendo-a como uma condição manifestada por: 1) grandes dificuldades com as pessoas; 2) um forte desejo de preservar as coisas e situações; 3) uma conexão especial com objetos; 4) um rosto inteligente; 5) grave comprometimento da linguagem, variando de mutismo a linguagem não comunicativa, refletindo dificuldades de contato e comunicação interpessoal (Whitman, 2015).

Por outro lado, a psiquiatra Dra. Lorna Wing aplicou o conceito de autismo como um espectro em 1981, e derivou o termo Síndrome de Asperger em referência a Hans Asperger. Seu trabalho provocou uma revolução na forma como o autismo era tratado, e sua tese teve um grande impacto em toda a comunidade médica. Como mãe de uma criança com autismo, ela tem mais compreensão e serviço aos pacientes autistas e suas famílias (Santos, 2022).

3.2 Transtorno Espectro Autista – TEA

Segundo Farias e Elias (2020), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 contém descrições, sintomas e outros critérios para o diagnóstico de transtornos mentais. Ele fornece aos médicos uma linguagem comum para se comunicar com seus pacientes e estabelece diagnósticos consistentes e confiáveis que podem ser usados para estudar transtornos mentais, incluindo critérios diagnósticos para Transtorno do Espectro do Autismo - TEA. De acordo com o DSM - 5, os critérios diagnósticos para TEA (Transtorno do Espectro Autista) são: déficits permanentes de comunicação e interação social em diversas situações, presentes ou previamente manifestados (APA, 2014).

Segundo Alves (2020) na CID-11, as deficiências de desenvolvimento em crianças, conhecidas como deficiências do neurodesenvolvimento, referem-se a dificuldades significativas na aquisição e no desempenho de funções intelectuais, motoras, de linguagem e sociais. O autismo é classificado de acordo com as deficiências intelectuais e de linguagem. A Organização Mundial da Saúde (OMS) calculou em 2 de abril de 2018 que uma em cada 160 (cento e sessenta) crianças no mundo tem autismo. Essa condição, chamada de transtorno do espectro do autismo, geralmente começa na infância e continua na adolescência e na fase adulta.

De acordo com as revisões de texto da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos do Espectro do Autismo (DSM-5, texto revisado, 2022), além de alterações textuais na descrição do transtorno como um todo, que refletem a literatura atualizada e os avanços no conhecimento, as mudanças mais notáveis são os critérios diagnósticos, particularmente o critério A, comprometimento persistente na comunicação social, manifestado por déficits na reciprocidade afetiva e comportamentos de comunicação não-verbal de comunicação social habitual (DSM5, 2013).

Nesse sentido, o diagnóstico do espectro autista é feito clinicamente com base na observação de indicadores genéticos familiares, neurodesenvolvimento, comportamento e desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais (Lord et al., 1994).

Na literatura internacional, existem dois instrumentos "padrão-ouro" para diagnóstico: o Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) (Lord et al., 1994) e o Autism Diagnostic Observation Form - Universal (ADOS) (Lord et al., 1999). De acordo com Becker *et al.* (2012), o ADI-R é uma entrevista semiestruturada padrão para indivíduos em risco de autismo. O instrumento

oferece três diagnósticos: pacientes com autismo, pacientes sem sinais de autismo em formas típicas do transtorno e pacientes sem autismo.

3.3 ABA – Análise do Comportamento Aplicada

De acordo com Cooper e cols. (2019), a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é um campo amplo clinicamente validado para o tratamento de distúrbios do desenvolvimento, incluindo o autismo. Envolve princípios e estratégias de ensino que se concentram em ensinar novas habilidades aos indivíduos. A ABA usa apenas estratégias de ensino clinicamente comprovadas que produzem resultados positivos e mudanças comportamentais significativas (Cooper *et al.*, 2019).

Segundo Goyos (2019), a ABA tem como foco o ensino de habilidades e a mudança de comportamento. Os primeiros estudos ABA em crianças com TEA foram desenvolvidos na década de 1960 para apoiar crianças com autismo. Hoje, também é usado para tratar o TDAH ou lesões cerebrais traumáticas, mas os autistas ainda constituem a maioria dos receptores de ABA. De acordo com uma pesquisa da Society of Professional Behavior Analysts, mais de 80% dos praticantes da ABA trabalham com indivíduos com autismo (Goyos, 2019).

Antes da década de 1960, muitos profissionais acreditavam que as crianças com autismo eram incapazes de aprender ou se tornar autossuficientes. Crianças com autismo são frequentemente enviadas para instituições mentais em condições de vida desumanas. Lovas espera que suas intervenções propostas permitam que muitas dessas crianças vivam em sociedade (Cooper *et al.*, 2019).

Lovas ensina habilidades para a vida dividindo-as em tarefas menores. Por exemplo, a escovação dos dentes pode ser ensinada primeiro ensinando as crianças a colocar pasta de dente na escova. Quando a criança completava a tarefa, recebia uma recompensa verbal de "bom trabalho". Nas aulas seguintes, Lovas ensinou as crianças a alinhar a escova de dente com a boca. Depois que cada etapa é aprendida, a criança pode conectá-las para concluir tarefas de escovação bastante complexas (Cooper *et al.*, 2019).

Segundo Oliveira (2021), na abordagem ABA, os objetivos da intervenção são expressos na seguinte ordem: abordar os déficits comportamentais, identificando as dificuldades ou incapacidades da criança que impactam negativamente sua vida e seu aprendizado. Reduzir a frequência e intensidade de comportamentos indesejados, como birras, agressividade e estereotípias, que dificultam a interação social e o processo de aprendizagem. Incentivar o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas, adaptativas, cognitivas e acadêmicas, promovendo comportamentos que sejam socialmente aceitáveis.

A ABA também é um recurso lúdico que aproveita as oportunidades das crianças para se divertir e aprender, transformando a terapia em uma terapia prazerosa (Locatelli, 2016). A ABA é entendida como uma instrução intensiva e individualizada destinada a desenvolver as habilidades necessárias para permitir que os pacientes com autismo alcancem maior independência e possivelmente melhorem a qualidade de vida. É importante que a colaboração da equipe multidisciplinar, bem como a estreita colaboração da família e da escola contribuam para o sucesso da sua aplicação e colham os benefícios no seu volume de aplicação (Cooper *et al.*, 2019).

Essa abordagem visa desenvolver o planejamento familiar, ou seja, em ambiente domiciliar autista, tendo os pais como executores do planejamento (Locatelli, 2016). Profissionais responsáveis precisam manter registros precisos e cuidadosos e, se o desenvolvimento esperado de habilidades estiver ocorrendo, as informações serão coletadas dessa maneira. (Oliveira, 2021).

A aplicação da ABA requer a construção de uma narrativa prática, com metas guiadas e programas individualizados para atender as dificuldades de cada indivíduo, com treinamento intensivo e intervenções semanais (Borbas, 2018). A atividade deve ser prazerosa e prazerosa para a criança, utilizando reforçadores para manter a criança motivada (Oliveira, 2021). Os objetivos são alcançados por meio de tentativas discretas, aprendizado estruturado, instrução passo a passo e reforço positivo. (Lear, 2004).

3.4 Técnicas de ABA em pacientes adultos com autismo

O autismo é um distúrbio de desenvolvimento vitalício e as pessoas com autismo têm a mesma expectativa de vida que as pessoas fora do espectro do autismo. Apesar disso, muito poucos adolescentes, e ainda menos adultos, são diagnosticados com autismo. O diagnóstico incorreto ou a falta de diagnóstico era comum em uma síndrome que não foi cientificamente declarada como esquizofrenia até a década de 1980. Por outro lado, o diagnóstico é principalmente para crianças, portanto, se nenhum sintoma for observado antes dos 36 meses, a possibilidade de autismo não é considerada. No entanto, a falta de diagnóstico não significa que o autismo em adultos não tenha sido considerado.

Mello (2007) observou que as diferenças nas habilidades e nos padrões de comportamento podem ser maiores entre adolescentes e adultos do que entre crianças com autismo. Num extremo, algumas pessoas mudam tão pouco que ainda enfrentam os mesmos problemas que as crianças pequenas; no outro extremo, alguns adolescentes podem progredir o suficiente para se integrarem no sistema educativo regular e se tornarem adultos relativamente independentes.

No que diz respeito ao mau comportamento, Mello (2007) observa que a adolescência traz resistências e decisões inflexíveis para aceitar a autoridade adulta, mesmo entre os mais deficientes e inconscientes em situações sociais. Para aqueles com capacidades limitadas, estes sentimentos podem manifestar-se como regressões de acessos de raiva, agressão e mau comportamento nos primeiros anos, o que pode causar mais reações negativas em público e em casa do que em crianças mais novas. Mello (2007) sugere que, assim como na infância, o planejamento deve ser organizado, previsível, apresentado visualmente e adaptado a cada dia. Estas últimas são algumas das características do plano proposto pela ABA (mencionado acima).

Embora a maioria das intervenções sejam centradas nas crianças, à medida que estas crianças se tornarem adultos com uma perturbação do espectro do autismo, necessitarão de apoio individualizado adequado ao seu nível e desenvolvimento, sendo a linguagem e a autonomia menos importantes. Porém os adultos necessitarão de opções mais completas e personalizadas, embora os indivíduos com autismo raramente sejam totalmente liberados quando adultos, eles têm muitas possibilidades de maior comunicação, desempenho acadêmico, maior independência e melhor comportamento através da aplicação rigorosa do método ABA por uma equipe profissional devidamente treinada (Oliveira, 2021).

Adultos autistas usam técnicas ABA para aprender a desenvolver uma riqueza de trabalho que muitas vezes é rejeitada por outros por suas características de observação, repetição, perfeição e cuidado compulsivo. Tarefas simples como limpar, arrumar o parque, embalar envelopes, distribuir panfletos, passar roupas e fazer artesanato são coisas que podem ser feitas com extraordinária dedicação. Eles também podem ser classificadores excelentes e metódicos, capazes de suportar horas de trabalho que outros normalmente recusariam (Santos, 2022).

4. Resultados e Discussão

No que cerne aos resultados, foi realizada a análise dos 06 artigos selecionados de acordo com eixos temáticos, dividindo-os em categorias de discussão. Os artigos elencados através do levantamento nas bases de dados estão representados no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 - Artigos Científicos.

ANO	AUTORES	TÍTULO	OBJETIVO DO ESTUDO	RESULTADOS PRINCIPAIS
2022	Mizael, Táhcita Medrado; Ridi, Cíntia Cristina Ferreira.	Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista.	Assim, o objetivo deste trabalho é realizar um ensaio problematizando o baixo número de estudos com adultos e mulheres autistas, com foco na realidade brasileira, além da tendência de não incluir os próprios autistas nas decisões de pesquisa e intervenção.	Observou-se que a quantidade de pesquisas em ABA envolvendo mulheres e adultos é limitada. Além disso, verificou-se que a população autista raramente é consultada no planejamento e avaliação de pesquisas e intervenções. Recomenda-se, entre outras medidas, a realização de estudos sobre a clínica analítico-comportamental no atendimento a mulheres e adultos autistas, bem como a inclusão de autistas na escolha dos temas de pesquisa, definição de metas e avaliação da eficácia das intervenções. Por fim, destaca-se a importância de integrar a ética como um elemento central nos cursos e discussões sobre ABA em relação ao autismo.
2021	Stravogiannis, Andrea Lorena.	Autismo: um mundo singular.	Tem por objetivo apresentar experiências reais dos profissionais e familiares e o processo de intervenção terapêutica.	A obra oferece uma imersão profunda no universo singular dos autistas. Ao longo dos capítulos, profissionais de diferentes áreas, como pedagogos e educadores físicos, entre outros, compartilham conhecimentos e práticas para promover o desenvolvimento e o bem-estar dos autistas. Paralelamente, familiares relatam suas jornadas de aprendizado e afeto, destacando os desafios superados.
2021	Medeiros, Dailma da Silva	As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo	Analisar o Transtorno do Espectro do Autismo com a aprendizagem, bem como as contribuições que a análise do Comportamento Aplicada dá a esse processo.	Como conclusão geral, a pesquisa confirma o que estudos recentes indicam sobre a importância da integração e transdisciplinaridade nos tratamentos e na aprendizagem. A utilização de técnicas, tratamento farmacológico, exame clínico dos processos neuropsicológicos e avaliação clínica contínua compõem um tratamento complexo, cuja principal característica deve ser a personalização.
2022	Souza, Jeniffer Clarissa De	Terapia ABA e o transtorno do espectro autista na intervenção precoce	O presente trabalho buscou identificar como a análise do comportamento aplicada (ABA), em conjunto com a intervenção precoce em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode melhorar significativamente a qualidade de vida.	De modo geral, observa-se que a intervenção precoce no modelo ABA, quando iniciada cedo, apresenta impactos significativos no desenvolvimento de pessoas no espectro. Isso ocorre devido à abordagem única que trabalha com a observação e modificação do comportamento de cada indivíduo, avaliando constantemente suas limitações e atuando sobre elas.
2023	Oliveira, Adriana Dantas De; Naves, Nayara.	Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo.	Destarte, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar o contexto dos fatos e controvérsias que envolvem a ABA aplicada ao autista.	Verificou-se que um bom psicólogo, independentemente de seguir o modelo ABA ou não, busca maneiras de construir sobre os pontos fortes de cada criança, utilizando seus interesses. Esse profissional trabalha para que a criança possa participar ativamente da sociedade e tenha a maioria das escolhas. É essa abordagem que faz a diferença.
2022	Canal, Sandra; Silva, Karla Fernanda Wunder.	Refletindo sobre as intervenções para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: diferentes concepções	O objetivo deste artigo é analisar algumas propostas de intervenções clínicas, como TEACCH, ABA, Son-Rise, Floortime e Denver quando empregadas em espaços educativos.	Destaca-se que as intervenções analisadas buscam colaborar e estimular as potencialidades dos indivíduos com TEA. Quando utilizadas em conjunto com a rede de apoio formada por familiares e profissionais, essas intervenções ajudam a refletir sobre as práticas educativas e inclusivas, contribuindo para uma vida mais independente para os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Fonte: Autoria própria (2024)

Diante da seleção dos artigos apresentados nos resultados acima, foi realizada a discussão.

Segundo Medeiros (2021), estima-se que cada pessoa com TEA receberá mais de 15 tratamentos ao longo da vida. Se esses tratamentos ajudarem no seu desenvolvimento, então esta informação pode ser perfeitamente aceitável. Porém, além de não trazerem efeitos benéficos, muitas dessas práticas também podem ser prejudiciais. Portanto, o objetivo principal da pesquisa prática baseada em evidências no campo dos transtornos do espectro do autismo é proteger as pessoas com autismo, garantindo que tenham acesso a tratamentos eficazes e comprovados, promovendo assim os seus interesses e qualidade de vida, bem como os de suas famílias.

Assim, para Canal (2022) a maioria das interações sociais proporciona a capacidade de perceber “mentalmente” a perspectiva da outra pessoa. A incapacidade de prestar atenção às situações sociais e integrar esta informação simultaneamente torna mais difícil para a pessoa controlar o que a outra está pensando ou sentindo. Saber quando parar de falar sobre um determinado assunto, esperar pela sua vez, responder à oferta de ajuda ou partilha de outra pessoa – todas estas coisas tornam-se mais fáceis quando nos colocamos no lugar de outra pessoa.

Porém, para Stravogiannis (2021), essas habilidades não surgem de forma automática e natural em pessoas com TEA. Eles precisam ser ensinados de forma explícita e divididos em pequenos passos para que possam ser aprendidos, o que exige muita motivação. Só então poderemos aspirar a mudar o nosso comportamento e aprender novas competências para atingir os nossos objetivos sociais e profissionais.

Basicamente, segundo Oliveira (2023) se apoia em três pilares para nortear o trabalho na adolescência e na vida adulta: Autoconhecimento: pode envolver a utilização de diagnósticos. Saber posicionar-se e defender as suas opiniões: com base na autoconsciência, os jovens aprendem a posicionar-se, a defender os seus interesses e preferências e a desenvolver autoconfiança quando se deparam com situações que os obrigam a ter consciência profissional e/ou profissional; independência: com base no anterior à medida que os jovens começam a aspirar a ingressar no mercado de trabalho, as suas escolhas profissionais devem basear-se no seu potencial e nas suas dificuldades. Você também deve estar preparado para viver sozinho, viajar, pagar contas e permanecer o mais independente possível.

Portanto, Souza (2022) afirmou que o diagnóstico precoce de pacientes com transtorno do espectro do autismo (TEA) é de extrema importância. Quanto mais cedo for detectado, maior será a probabilidade de o tratamento e a intervenção serem bem-sucedidos e impactarem positivamente o desenvolvimento e o bem-estar do aluno.

Para Mizael (2022), os diagnósticos de autismo em crianças aumentaram significativamente nos últimos anos, em grande parte devido aos avanços científicos nas pesquisas sobre transtornos do espectro do autismo. Isto significa que muitos adultos nunca são diagnosticados ou são detectados tardiamente. Isso também acontece porque os sinais e sintomas do transtorno do espectro do autismo (TEA) podem ser sutis e difíceis de detectar tanto para familiares, amigos e indivíduos.

Segundo Stravogiannis (2021), pessoas que não foram diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo na infância muitas vezes apresentam hábitos de vida muito próximos do que é considerado “comum”: trabalham, estudam, constituem família. Na maior parte, eles estão na extremidade mais branda do espectro. Embora não soubesse que tinha autismo durante a maior parte da vida, o adulto apresentava dificuldades e necessidades semelhantes às de outras pessoas com autismo.

Geralmente com base em Oliveira (2023), essas dificuldades estão relacionadas às relações interpessoais e à interação social, tais como: dificuldade de compreensão de regras sociais, compreensão de piadas ou metáforas, de expressar sentimentos, falar sobre seus sentimentos ou compreender as emoções dos outros, muitas vezes parecem muito práticos e impessoais, são sensíveis a sons, situações movimentadas ou toques (como beijos e abraços);

Segundo Mizael (2022) a terapia ABA pode ser aplicada em adultos com autismo. Embora o diagnóstico e a intervenção precoces sejam extremamente importantes, a ABA também aborda a intervenção tardia. Assim como na infância, a terapia ABA para o transtorno do espectro do autismo em adultos envolve o treinamento intensivo das habilidades necessárias para que o

paciente se torne cada vez mais independente e tenha a melhor qualidade de vida possível.

Stravogiannis (2021) afirmou que para que a terapia ABA seja eficaz em adultos, é necessária uma avaliação para identificar os hábitos comportamentais do indivíduo, a fim de desenhar um programa de intervenção personalizado. A formação é intensiva, tendo em conta as dificuldades e potencialidades de cada indivíduo e, claro, o contexto em que os adultos autistas se encontram.

Mizael (2022) explica que os benefícios da ABA não estão apenas na vida familiar dos autistas, mas em outros ambientes sociais como a escola e o mundo profissional. Por exemplo, a investigação mostra que nos Estados Unidos, os adultos com autismo que recebem apoio da ABA desenvolveram competências para se concentrarem no trabalho e participarem na sociedade.

Pessoas com autismo de qualquer idade podem se beneficiar da ciência da ABA. Esse tipo de tratamento utiliza intervenções baseadas em princípios comportamentais e desenvolve um plano individualizado para cada indivíduo. A terapia baseada em ABA oferece treinamento intensivo em habilidades comportamentais e leva em consideração as dificuldades específicas do indivíduo. Portanto, como mostra Stravogiannis (2022), tem maiores chances de sucesso.

Mizael (2022) acredita que em 10 a 15 anos as crianças autistas de hoje chegarão à idade adulta e é importante iniciar esse tipo de intervenção o mais rápido possível para que os prejuízos não sejam tão graves. A importância do diagnóstico e intervenção precoce é extremamente importante, mas vale lembrar que a ABA também inclui a intervenção tardia.

Tal como acontece com a intervenção precoce, explanam Mizael (2022) que requer uma fundamentação teórica, um tratamento intensivo e uma análise das necessidades de cada pessoa para desenhar um programa individualizado com base nas suas qualidades e dificuldades, adaptado às suas circunstâncias. Assim, embora o tratamento precoce seja extremamente importante, os avanços na ciência ABA na intervenção para populações neurodiversas incluem pessoas de qualquer idade, mesmo aquelas que iniciam o processo na idade adulta.

Muitas das habilidades relacionadas à interação social não são naturais para pessoas neuroatípicas. É necessário ensinar as pessoas com autismo passo a passo de forma clara e direta. Na terapia baseada em ABA, essas habilidades são ensinadas justamente para que possa atingir seus objetivos pessoais e profissionais, assim como fazem as pessoas neurotípicas, segundo Canal (2022).

Mizael (2022) esclareceu que o maior benefício da intervenção baseada na ABA para adultos é a autoconsciência, ajudando os alunos a compreenderem seus desafios e potencialidades – tanto no mercado de trabalho quanto na vida social – além de conquistarem maior independência. Ou seja, o objetivo é proporcionar aos indivíduos toda a assistência necessária para terem sucesso, reduzirem dificuldades e atingirem o seu pleno potencial, com base nas suas circunstâncias.

Diante disso, em um cenário no qual a palavra “autismo” possui um enfoque em crianças, espera-se que essas reflexões produzam mudanças dentro da comunidade de analistas do comportamento que levem a um maior impacto sobre adultos autistas, e aumentem as discussões éticas e envolvam as próprias pessoas autistas em pesquisas relevantes e na tomada de decisões de intervenção. Portanto, tenhamos um papel socialmente relevante e uma prática eticamente orientada e focada na nossa população-alvo, que é a população autista.

5. Considerações Finais

Concluiu-se deste estudo que, no contexto do TEA, a ABA, com sua estrutura, fundamentos e procedimentos como ciência, apresenta significativa a eficácia na intervenção e no ensino de crianças com TEA e no progresso dos adultos. Portanto, o objetivo deste estudo é apontar a contribuição da ABA para o repertório de habilidades na vida de adultos no espectro do autismo, proporcionando encontrar ferramentas necessárias para melhorar socialmente questões de convivência, contato, ajustando as estratégias da vida social e incentivando a alcançar novas conquistas.

Para adultos com autismo, a ABA pode se concentrar na construção de habilidades sociais e de comunicação, no ensino e no reforço de estilos de interação social eficazes e na compreensão de sinais sociais e emocionais. Isso pode incluir melhorar a comunicação verbal e não verbal e aprender como navegar em situações sociais complexas.

Além disso, o ABA pode ser usado para desenvolver e aprimorar habilidades da vida diária, como autocuidado, realização de tarefas domésticas, gerenciamento de finanças e planejamento. Isto é fundamental para promover a independência e a qualidade de vida de adultos com autismo.

Gerenciar comportamentos desafiadores também é uma área importante da ABA para adultos com autismo. Através da análise e modificação do comportamento, a ABA ajuda a identificar as causas de comportamentos desafiadores e ensina estratégias para gerir eficazmente esses comportamentos, melhorando assim o bem-estar geral de um indivíduo.

Vale lembrar que a aplicação da ABA em adultos requer uma abordagem personalizada e respeitosa que leve em consideração as preferências, necessidades e objetivos individuais do adulto autista. Como o neuropsicólogo, enfatiza a importância de uma abordagem holística e centrada na pessoa que respeite a autonomia e a dignidade dos adultos com autismo. Os resultados deste estudo sugerem que a integração social deste paciente pode ser alcançada através do desenvolvimento de autonomia e maior independência nas atividades diárias, ampliando habilidades funcionais e proporcionando melhor qualidade de vida a todos os envolvidos em sua situação social.

Observou-se também que os pacientes autistas e seus familiares enfrentam muitos desafios, porém, a intervenção de ensino da ABA se mostra uma das ferramentas eficazes no desenvolvimento dos processos cognitivos, da linguagem e do comportamento social, e no tratamento de autistas.

Dadas as limitações deste estudo, são necessárias pesquisas adicionais para ampliar o escopo da ABA no cuidado de adultos com autismo, e pesquisas básicas/experimentais são necessárias para gerar dados que possam ser aplicados no futuro. Tendo em conta esta e outras questões, e dada a falta de investigação nesta área, especialmente na intervenção ABA para adultos, surge a necessidade de ampliar os resultados científicos sobre a contribuição da ABA para o espectro do autismo e de aumentar a produção de investigação científica. pesquisas nesta área do Brasil.

Referências

- Alves, L. E., Monteiro, B. M. M., & Souza, J. C. . (2020). Comparação da classificação dos transtornos do desenvolvimento infantil por meio do DSM-5, CID-10 e CID-11. *Research, Society and Development*, 9(10), e6579109058. 10.33448/rsd-v9i10.9058
- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic and Statistical Manual: Mental Disorders (DSM-I)*.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5TM*. (5th ed.). Psycnet.apa.org. <https://psycnet.apa.org/record/2013-14907000>
- Appolinário, F. (2007). *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia Para a Produção Do Conhecimento Científico*, 300–300. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-591596>
- Assumpção Jr, F. B., & Pimentel, A. C. M. (2000). *Autismo infantil. Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2), 37–39. 10.1590/s1516-4446200000600010
- ASF (2020) <https://autismsciencefoundation.org/2020-supported-findings/>
- Borba, M. M. C.; BARROS, R. S. *Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico comportamental ao autismo*. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.
- Brasil. (2012). Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Seção 1, p. 2.*
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Seção 1, p. 2.*
- Brasil. (2020). Lei nº 13.977 de 08 de janeiro de 2020. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jan. 2020. Seção 1, p. 1.*

- Canal, S., & Silva, K. F. W. (2022). *Refletindo sobre as intervenções para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: diferentes concepções*. *Revista Interdisciplinar de Saúde E Educação*, 3(1), 112–130. 10.56344/2675-4827.v3n1a2022.6
- Chaves, A. K. B. de S. (2019). *Análise do conhecimento de residentes em pediatria e psiquiatria acerca do diagnóstico do transtorno do espectro autista e elaboração de um manual de orientação para identificação precoce*. Repositorio.fps.edu.br. <https://repositorio.fps.edu.br/handle/4861/225>
- Cooper, J. O., & Internet Archive. (2007). *Applied behavior analysis*. In *Internet Archive*. Upper Saddle River, N.J. : Pearson/Merrill-Prentice Hall. https://archive.org/details/appliedbehaviora0000coop_x2c5
- Farias, S. P. M., & Elias, N. C. (2020). Marcos do comportamento verbal e intervenção comportamental intensiva em trigêmeos com autismo. *Psicologia Escolar E Educacional*, 24. 10.1590/2175-35392020215946
- Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002, - Maurício Façanha.(n.d). Docente.ifrn.edu.br. <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-altas-2002./view>
- Goyos, C. (2019). *Protocolo: ABA ensino da fala para pessoas com autismo* (pp. 23-29). São Paulo: Edicon.
- Harris, S. L., & Delmolino, L. (2002). Applied Behavior Analysis: Its Application in the Treatment of Autism and Related Disorders in Young Children. *Infants & Young Children*, 14(3), 11. https://journals.lww.com/ycjournal/abstract/2002/01000/applied_behavior_analysis__its_application_in_the.6.aspx
- Kanner, L. (1943). APA PsycNet. Psycnet.apa.org. <https://psycnet.apa.org/record/1943-03624-001>
- Lear, K. (n.d.). *Ajude-nos a aprender (Help us learn) Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido*. <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>
- Locatelli, P. B., & Santos, M. F. R. (2016). Autismo: Propostas de Intervenção. *Revista Transformar*, 8(8), 203–220. <http://fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63>
- Lord, C., Risi, S., Lambrecht, L., Cook, E. H., Leventhal, B. L., DiLavore, P. C., Pickles, A., & Rutter, M. (2000). *The autism diagnostic observation schedule-generic: a standard measure of social and communication deficits associated with the spectrum of autism*. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 30(3), 205–223. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11055457/>
- Medeiros, D. da S. (2021). *As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo*. *Estudos IAT*, 6(1), 63-83.
- Mello, A. M. S. (2007). *Autismo: guia prático*. AMA; Brasília: Corde.
- Mizael, T. M., & Ridi, C. C. F. (2022). *Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista*. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 054–068. 10.18761/veem.457613
- Oliveira, A. D. de., & Naves, N. (2023). *Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*.
- Oliveira, D. dos S. F., & Silva, A. D. P. R. da. (2021). Autismo e a educação: ciência aba (análise do comportamento aplicada) como proposta de intervenção na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências E Educação*, 7(10), 569–584. 10.51891/rease.v7i10.2517
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed.). In Internet Archive. <https://archive.org/details/metodologia-do-trabalho-cientifico>
- Santos, A. L. V., Fernandes, C. F., Santana, L. T. G., Santo, L. R. E., & Lafetá, B. N. (2015). Diagnóstico precoce do autismo: dificuldades e importância. *Revista Renome*, 4, 23–24. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renome/article/view/2655>
- Santos, M. G. dos. (2022). *Histórias fragmentadas: educação inclusiva – vivências pedagógicas* (32 f.). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Repositorio.ufm.br/handle/123456789/46771.
- Souza, J. C. de. (2022). *Terapia aba e o transtorno do espectro autista na intervenção precoce*. Oasisbr.ibict.br. https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/Krot_6b5a3dabf9932a46d53df44e7b7b733f
- Stravogiannis, A. L. (2021). *Autismo: um olhar por inteiro*. In Google Books. Literare Books. https://books.google.com.br/books/about/Autismo.html?id=0KAeEAAAQBAJ&redir_esc=y
- Sugai, G., Lewis-Palmer, T., & Hagan-Burke, S. (2000). Overview of the Functional Behavioral Assessment Process. *Exceptionality*, 8(3), 149–160. 10.1207/s15327035ex0803_2
- Whitman, T. L. (2015). *O desenvolvimento do Autismo: Social, Cognitivo, Linguístico, Sensório-motor e Perspectivas Biológicas*. M. Books.